ANO 6.º — Sexta-feira, 24 de Outubro de 1913 — NUMERO 294

O DEMOCRATA

(A VENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

MOVIMENTO MONARQUICO

No sul e no norte do país—Agitação prontamente sufocada—A energia dos defensores da Republica—O DIA e a NAÇÃO pelos ares—Inumeras e importantes prisões—A acção do govêrno

Eis-nos de novo em face doutro movimento com caracter acentuadamente monarquico mas, felizmente, de duras consequencias para os realistas, que ainda désta vez não podéram levar por deante a sua obra nefasta para a implantação do regimen de bandalheira sepultado em 5 de Outubro de 1910.

Foi a madrugada de terça-feira o dia designado para a aventura que, como os leitores verão pelo relato que déla vamos fazer, se não limitou, á maneira das outras vezes, a tentativas de incursão pelo norte porque os seus organisadores, á frente dos quaes se achavam Azevedo Coutinho, José Lobo de Avilar, Moreira de Almeida, Conde de Magualde e Remedios da Fonseca tivéram o cuidado de movimentar dentro do proprio país as suas diminutas forças, com que saíram, conseguindo, ainda que só por momentos, manter em alvoroço a vida da capital. Mas só isso.

De resto, o govêrno, tomando todas as providencias tendentes a manter a ordem, assegura-nos que está disposto a ir até onde as circunstancias lhe determinarem que vá em defêsa das instituições, pois não se póde admitir que medidas rigorosas não sejam postas em prática contra os perturbadores da sociedade, cuja autoridade moral é nula para se apresentarem como honéstos e dignos servidores dum regimen que faliu por falta de tino administrativo, para não falar nas ladroeiras de que a nação foi vitima, nos vexames e nas afrontas sofridas pelo povo português.

E é quanto basta. Nós confiâmos porque nem outra coisa se deve esperar do patriotismo dos homens que estão com as melhores intenções a dirigir o país, honrando Portugal contra quem abertamente se conspira só porque sacudiu num gésto largo os vampiros que lhe sugávam os ultimos recursos.

Para a frente!

EM LISBOA

O principio da conjura na madrugada de terça-feira--Vários assaltos

E' assim o relato dos acontecimentos produzidos na capital desde as primeiras horas da manhã do dia 21:

Nésta madrugada, das 3 e meia para as 4 horas, apareceram na esquadra policial do Caminho Novo 20 guardas da esquadra da Boa Vista, convidando os seus camaradas para um movimento a favor da monarquia. Alguns guardas da esquadra receberam bem o convite, chegando o cabo 121 a despedaçar o telefone. E, libertado o preso João Diogo Peres, os insurrectos dirigiram-se ao palacio das Côrtes onde estava uma força de 6 soldados e um cabo da guarda republicana, impondo-lhes a rendição. O cabo e cinco soldados antregaram-se com as armas, e os insurrectos seguiram em direcção ao Muzeu da Revolução, ao Quelhas. Aí, entraram e, estragando vários objétos, tomaram conta de todas as armás lá existentes. Néssa altura o cabo 51, da guarda republicana, que se entregára por não poder lutar, voltou para as Côrtes, onde um soldado que ficára a dormir, o 147, do 1.º batalhão, José Joaquim Pestana, foi ocupar o posto da sentinéla e recebeu de arma á cara as pessoas que se aproximavam. Do Muzeu dirigiram-se á rua Nova da Estrela, onde está instalada a 4.ª companhia da guarda republicana, no evidente intuito de procurarem apoio. Mas, como o não encontrassem seguiram em direcção que se ignora, supondo-se que hajam destroçado.

Junto do Limoeiro—Tentativa que falha—Duas capturas

Os guardas da esquadra do pateo de D. Fradique surpreenderam, pelas 2 horas, oito individuos reunidos junto da parede do predio n.º 12 do largo das Portas do Sol. Como se lhes tornassem suspeitos, os guardas aproximaram-se dêles. Imediatamente se refugiaram na porta do aludido predio que estava entreaberta, sendo seguidos pelos policias. Um dêles, vestindo uniforme militar, preparava-se para agredir o guarda 1289, ao ouvido do qual chegou a apontar o cano de uma pistola, ao mesmo tempo que se mostrava disposto a fazer uso de uma espada que lhe pendia da cinta. Mas os civicos, a quem se tinham já reunido alguns dos guardas republicanos do posto do Limoeiro, com o comandante e com o major França, director daquéla cadeia, caíram então sobre os oito homens, um dos quaes lhes quiz ainda resistir com um revolver. Dominados com sabradas, foram conduzidos para a esquadra, onde se verificou estarem feridos tres dêles. Conduzidos ao banco do hospital de S. José, ali declararam as suas identidades, a saber:

Manuel Gomes Rebelo Junior, de 21 anos, casado, soldado de infantaria 5, n.º 77, da 4.ª companhia do 3.º batalhão, ferido na cabeça e contuso no braço direito; José Maria de Souza, de 46 anos, casado, residente na travéssa da Palméla 61, loja, ferido na cabeça; Joaquim do Carmo Rodrigues, de 43 anos, casado, morador nas escadinhas do Arco de D. Rosa, 8, 3.º ferido na cabeça e na perna e braço esquerdos.

Depois de pensados pelo medico de serviço foram reconduzidos á esquadra de D. Fradique onde ficáram em rigorosa incomunicabilidade. Os feridos declararam no hospital que o seu grupo pretendia assaltar a cadeia do Limoeiro para libertar os presos, indo depois unir-se ao movimento preparado para implantar a Republica Radical. A todos os oito homens foram encontrados rosarios e bentinhos.

Prisões

Ao amanhecer, foi preso em sua casa, na rua do Principe 102, 2.º, D., o dentista Joaquim Rumina que ainda estava a pé e que era um dos elementos mais activos da conspiração monarquica, sendo colaborador de Constancio Roque da Costa, que tambem está preso. Declarou que êste ultimo tinha ha 8 dias deixado de ser seu hospede.

No Quartel de Marinheiros foram presos de madrugada um oficial e oito sargentos da armada, comprometidos no movimento monarquico.

Estão presos no quartel de marinheiros os primeiros tenentes Artur José Teixeira e Raul Ressano Garcia e a bordo da fragata *D. Fernando*, o segundo tenente maquinista sr. Abranches da Silva e tambem já se encontram presos vários sargentos e contra-mestres, entre êles os sargentos Costa, Rosa, Pinto, Ribeiro, Alvaro, Simões, Cabral, Fonseca, Neves, Augusto Silva, Raimundo etc.

O primeiro contra-mestre José de Sousa Guimarães, quando ia preso para o quartel pelo mestre da armada Ventura, puxou dum revolver e deu um tiro na cabeça, sendo levado em perigo de vida para o hospital.

Anda por uns 16 a 20 os sargentos presos.

Na praça das Amoreiras deu a policia da esquadra do Rato um assalto a uma casa onde se encontravam seis individuos suspeitos reunidos, conseguindo prender apenas um que possuia um *kepi* novo de oficial do estado maior, um par de polainas e umas braçadeiras brancas. O preso conserva-se na esquadra da praça do Brazil.

Nas imediações do regimento de infantaria 2 foram presos ás 4 horas tres individuos portadores de pistolas Browing. São êles: Mario Martins, Julio de Azevedo e Fernando Reis. Segundo declararam, pertencem todos á Juventude Catolica. No mesmo regimento foi preso, por suspeita, o sargento Nascimento.

Um preso libertado

O preso que fugiu da esquadra do Caminho Novo, e que, como dissémos, se chama João Diogo Peres, é mestre de obras. Foi preso ontem de tarde, a bordo de um barco onde tinha ido buscar seis pistolas. Tinha papel importante no plano que hoje devia principiar a ser executado.

Os seus correligionários tinham-no como homem de acção, capaz de grandes actos de audácia. Fizéra-se inscrever socio de um centro republicano e morava no Alto do Pina. Em sua casa realisavam-se amiudadas reuniões. A policia deve ter já prendido a mulher que estava tambem ao facto do movimento.

Circular do govêrno ás legações

«Durante a noite passada os monarquistas tentaram realisar um movimento subversivo em Lisboa. Apezar da longa preparação, nada conseguiram. Apenas apareceram alguns grupos civis, que não ofereceram resistencia, e foram cortadas algumas linhas telegraficas e uma de caminho de ferro, sem prejuizos nem vitimas. Foi solto um preso de responsabilidades, mas já recapturado. Nenhum elemento militar, de terra ou de mar, participou no acto de sedição. O govêrno conhecia o *complot* nas menores particularidades e fará punir os principais responsaveis. Dêstes nenhum apareceu no seu posto combinado, antes todos se esconderam ou fugiram. Todo o país está em absoluto socego. O acontecimento não alterará a normalidade e tornará ainda mais despresiveis os inimigos da Republica.»

21 de Outubro de 1913.

O desenrolar dos sucéssos depois do amanhecer

Durante o dia continuaram os serviços de vigilancia. Os individuos que ficáram feridos nas Portas do Sol foram conduzidos, acompanhados de policia, ao hospital de S. José. Os guardas, empunhando pistolas, não consentiam que pessoa alguma se aproximasse dos presos.

Um dos feridos, quando estava sendo medicado pelo sr. dr. Medeiros de Almeida, declarou que fôra um capitão de infanteria quem o induzira a tomar parte no movimento monarquico.

Um dos planos era o assalto á cadeia do Limoeiro, afim de serem soltos todos os presos, politicos e não politicos.

A êsse preso foi apreendida uma excelente pistola automática, da qual tomou conta o chefe Amaral da esquadra de D. Fradique.

Os elementos civis que de manhã andavam em automoveis a percorrer a cidade prenderam vários individuos suspeitos, muitos dos quaes armados, que foram conduzidos a diversas esquadras e dali para o govêrno civil.

Durante toda a madrugada houve rigorosa prevenção nos quarteis, tendo estado alguns regimentos formados na parada, como por exemplo artilharia 1, em Campolide.

Na Penitenciaria, onde se esperava um assalto, a guarda foi reforçada.

Em lanceiros 2

Tambem o regimento de lanceiros 2 esteve formado na parada do quartel. A cérta altura, pelas trazeiras dêsse quartel, apareceu um grupo de populares que disparou alguns tiros para o interior. Da parada responderam tambem a fogo. Uma sentinéla, vendo passar um individuo que fazia parte do grupo disparou a espidgarda sobre êle, mas não foi atingido e conseguiu escapar.

Esse mesmo individuo foi mais tarde visto em frente ao quartel de marinheiros. A sentinéla mandou-o retirar; mas, como êle se recusasse a obedecer, fez fogo. Tanta sorte teve aínda désta vez que tambem não foi atingido nem preso.

Prevenções

Não foram só os regimentos de infantaria e cavalaria que estivéram de prevenção. Tambem no quartel de marinheiros sucedeu o mesmo, notando-se em todas as praças a melhor disposição de saírem em defêsa do regimen.

Nas estradas de Circunvalação a vigilancia fez-se com todo o rigor, não passando nenhum veiculo que não fosse revistado.

Córte de linhas

Os revoltosos monarquicos, além das linhas telefonicas e telegraficas para o norte, cortaram tambem as dos caminhos de ferro e as que ligam a estação da alfandega com vários postos dos suburbios da cidade, mas as comunicações foram eestabelecidas quasi de pronto.

Nas alturas do Carregado foi destroçada a dinamite um bocado de linha ferrea assente sobre um pontão, o que determinou o atraso de alguns comboios que costumam fazer o trajéto norte-sul directo.

Movimento de presos

Durante o dia foi grande o movimento de presos no govêrno civil, onde permaneceram egualmente vários grupos de defensores da Republica.

De quando em quando chegavam levas de presos, no numero dos quaes figuravam funcionários públicos, operarios e um ou outro oficial.

Entre as inumeras prisões efectuadas contam-se já as do tenente da armada Ressano Garcia, do dentista Joaquim Rumina, do dr. Carvalho Monteiro, de Constancio Roque da Costa que são consideradas da maior importancia.

O director do *Dia*, Moreira de Almeida, assim como o ex-capitão Azevedo Coutinho, que veio do estrangeiro preparar o movimento, são procurados activamente mas ainda não foram encontrados.

Ha tambem algumas prisões mais de oficiaes e sargentos da armada.

João Diogo Peres, o preso politico que os policias da esquadra da rua da Boavista haviam restituido á liberdade quando assaltaram a esquadra da rua do Caminho Novo, foi de manhã recapturado por soldados da guarda republicana do quartel do Cabeço da Bola, quando ali passava empunhando uma espada.

Ao ser preso disse «Trago aqui esta espada sem saber quem m'a deu. Não fugi. Abriram-me a porta, e saí. Qualquer pessoa faria isto.»

Assalto ás redacções dos jornaes monarquico-reaccionários "O Dia" e "A Nação"

Por volta das 8 horas da manhã, ainda quando vários elementos de defêsa da Republica se propunham auxiliar as autoridades, alguns dêles mais exaltados, propuzéram que fossem assaltados os jornaes monarquicos, *O Dia* e *A Nação*.

Aceite o alvitre, um numeroso grupo composto de mais de 600 homens seguiu, erguendo vivas á Republica, para a rua Garret, onde está instalado o jornal *O Dia*. Uma vez ali e em frente ao predio que tem o numero 80, um nucleo dêsses homens subiu as escadas, emquanto os restantes estacionavam na rua, soltando calorosos gritos de protésto.

Arrombadas as portas do segundo andar, uma que dá ingresso á redacção e outra que serve para a administração, o referido nucleo passou ao interior da casa, abrindo as janélas de par em par, e délas arremessou para a rua com todo o mobiliario que ali encontrou, ao mesmo tempo que os vivas á Republica eram erguidos com frenesi e secundados com sucessivas e prolongadas salvas de palmas.

Na rua então ia-se armando uma especie de feira, pois que por todos os lados se viam mêsas, cadeiras, livros, enorme quantidade de jornaes, etc.

O povo que ali estava e que não se contentava só com isto, pedia que fosse atirado tambem das janélas abaixo com todo o material tipografico, o que não aconteceu, concluindo o assalto por partirem a grande taboleta onde se lia em grossos carateres o nome do jornal, sendo depois despedaçada de encontro ás pedras junto á tabacaria e casa de cambio Dias e a gambiarra de gaz que se estendia nas janélas da sacada debaixo da referida taboleta.

Nésta altura, porém, apareceu uma força de policia que debandou os manifestantes e ficou de guarda ao predio.

Passados alguns instantes o mesmo grupo voltou a reunir-se na Praça Luiz de Camões, seguindo depois a fazer outro assalto ao jornal *A Nação*, instalado na rua da Lucta.

Aqui não escapou nada: ficou tudo partido e inutilisado, inclusivé todo o material tipografico, sendo feita, na rua, uma enorme fogueira com o madeiramento do mobiliario, jornaes, livros, etc.

Com o aparecimento da policia, os manifestantes retiraram, seguindo depois ao predio onde se encontra instalado o *Intransigente*.

Nésta folha, porém, é que o grupo não poude fazer disturbios devido á rapida intervenção da policia da esquadra da rua do Loureiro, sob o comando do chefe Antunes e dum pelotão da guarda republicana. No entanto o predio ficou vigiado pela policia.

Tambem esteve em risco de ser assaltado o bi-semanario *Os Ridiculos*, mas os manifestantes não puzéram em prática êsse desejo.

Em vista dos assaltos de hoje *O Dia* suspendeu a sua publicação o mesmo acontecendo ao velho orgão miguelista.

Dois aveirenses detidos

Por estarem implicados, segundo se diz, nos acontecimentos que vimos relatando, fôram presos o conhecido advogado désta cidade **dr. Jaime Duarte Silva,** julgádo já por ter feito parte dum *complot* descoberto em Aveiro, mas absolvido; e **João de Moraes Machado,** pagador dos Caminhos de Ferro do Sul, com residencia na capital, que, ao que corre, fazia parte do *comité* civil em cujo numero entrava Moreira de Almeida, Constancio Roque da Costa, dr. José Lobo de Avila, José Diogo Peres, etc.

A prisão de Jaime Duarte Silva têve logar no Porto onde se encontrava no dia 21 e a de João Machado logo após o malogro da *intentona* em Lisboa, que tão triste ideia deu dos que a organisáram e puzéram na rua.

NO PORTO

Antes de saírem, os conspiradores em evidencia são quasi todos presos -- Importantes apreensões de armamento -- Tropas e policia de prevenção

Tendo as autoridades pleno conhecimento de que se preparava um movimento revolucionário, as tropas da guarnição e a policia estivéram de prevenção toda a noite e na madrugada de 22. Tendo noticia de se darem acontecimentos em Lisboa e que êles tinham ramificações para o Porto e outras terras do norte, tratou de assentar num plano de providencias não só tendente a sufocar qualquer rebelião, mas tambem a capturar os principaes fomentadores e dirigentes do movimento.

Assim, logo ás primeiras horas do dia depois de conferencias realisadas entre os srs. governador civil, comissario geral e inspectores de policia, foram chamadós piquetes de policia e os principaes membros dos grupos de defêsa da Republica que se demoraram algum tempo no comissariado geral.

Entretanto, o governador civil, sr. dr. Manuel de Oliveira, ia recebendo informações de Lisboa sobre os acontecimentos e mais tarde fez publicar o seguinte:

Edital

«Faço saber que os inimigos do Regimen tendo tentado na passada madrugada uma insurreição em Lisboa, o govêrno, com o auxilio da força armada, sufocou prontamente o criminoso intuito e apesar das largas ramificações que o desvairado movimento tinha estendido ao país, a ordem pública está plenamente assegurada em todo o territorio da Republica, pelo que as garantias constitucionaes são mantidas, sem comtudo se abdicar dos meios que porventura as circunstancias possam impôr.

«E assim espero que todos os cidadãos se mantenham dentro da ordem, cuja defêsa está por completo firmada na autoridade constituida.»

A' porta da entrada para a torre da egreja do Carmo estáva a sentinéla que costuma estar ao canto.

Em cima, na torre, estáva outra sentinéla.

As diligencias da policia —Prisões

De manhã o comissariado foi cercado por policias armados de espingardas e no edificio do govêrno civil ninguem entrava senão em serviço urgente e algumas pessoas que ali entravam por necessidade eram acompanhadas por agentes ás repartições.

Um grande movimento se notou na policia, tendo partido para vários pontos automoveis com guardas civis e carbonarios.

As principaes diligencias dirigiram-se para S. Mamede de Infesta e Matosinhos e outros pontos do concelho da Maia e em alguns locaes do Porto, onde residiam individuos reconhecidos como conspiradores monarquicos.

Não levou muito tempo que não começassem a entrar no Aljube presos civis, entre os quaes se contavam medicos, comerciantes, industriaes, etc.

Nas imediações do govêrno civil e na praça da Liberdade viam-se muitos grupos de pessoas comentando os acontecimentos, correndo boatos de factos gráves ocorridos na provincia, mas oficialmente nada se confirmava, tendo-se dito que em Viana do Castélo tinha sido morto um capitão de artilharia.

Apreensão de armamento

A policia e os carbonarios realisaram rusgas em S. Mamede de Infesta, onde se efectuaram muitas prisões e num palheiro na quinta do Alão apreenderam grande quantidade de espingardas e cartuchame.

Tambem foram apanhadas pistolas automáticas e revolveres.

Tudo leva a crêr que outras importantes diligencias se vão efectuar com magnificos resultados pois providencias estão tomadas por parte das autoridades que nos não deixam duvidas ácêrca da sua eficácia.

O plano dos conspiradores era assassinar o maior numero de republicanos em evidencia, a principiar pelos membros do ministério, depois do que proseguiriam as desordens em toda a parte onde contavam com elementos que se batessem pela monarquia dos adeantamentos.

Désta vez a senha dos *paivantes* era—*Valente!*—e—*Vitória!*

Sabe-se que muitos, tanto désta cidade como de Lisboa, fugiram logo nas primeiras impressões, deixando os pobres aliciados sem govêrno e entregues a si proprios. Azevedo Coutinho, que era o chefe de toda a conspiração, nem sequer foi visto.

Os grupos de defêsa da Republica teem sido incançaveis na descobérta de toda a trama que, não ha duvida, os *paivantes* tinham agora melhor preparado.

Noutras localidades

O que até agora se tem apurado

E' ponto assente que em muitas terras do país se conspiráva contra o regimen preparando-se a reacção, de mãos dadas com os que não olham com bons olhos a bandeira verde-rubra, para secundar a funçanáta caso a coragem lhes não faltasse.

Assim, em Viana do Castélo, Lamego e Vizeu dérãm-se da mesma fórma e quasi ao mesmo tempo que em Lisboa, factos que revélam bem os entendimentos havidos com a provincia, mas a que logo as autoridades puzéram côbro em vista da sua insignificancia.

De resto em mais nenhuma parte houve tentativas de rebelião sendo notavel e digna de registo a atitude do exercito que tão bôas provas tem dado de fidelidade á Republica. Correm apenas os mais desencontrados boatos, mas nenhum dos quaes se confirma, principalmente os que aludem a varias tentativas revolucionárias em terras onde abundam os *talassas*.

A' hora de fecharmos o nosso jornal nenhuma ocorrencia se deu mais digna de mensão, colhendo no govêrno civil informes de que é absoluto o socêgo em todo o país.

A estabelidade da Republica está assegurada. E não serão, decérto, estes actos criminosos que a abalam porque com éla está o povo que trabalha, o povo que desde sempre a tem defendido com coragem, disposto ao ultimo dos sacrificios.

Viva a Republica!

FILMS...

Vingádos

Não sabemos se reparáram. O *Mundo*, de quarta-feira, dando conta da prisão, no Porto, do advogado aveirense Jaime Duarte Silva, relatada em telegrama, publicáva esta interessante nota da redacção:

«O Jaime Duarte a quem se refere este telegrama, é um conhecido advogado de Aveiro que foi republicano, depois franquista e mais tarde associado do *Pulha de Aveiro*. Depois de proclamada a Republica, foi preso como conspirador, mas conseguiu ser despronunciado. Trabalhava activamente na actual conspiração, tendo vindo varias vezes a Lisboa e conferenciado com Constancio Roque da Costa, Moreira de Almeida e outros.»

Contudo, coléga do *Mundo, democraticos* havia cá no distrito mesmo em Aveiro que o julgávam quasi aderente ao partido com os rapa-pés que lhe faziam, não levando á paciencia que da nossa parte houvésse relutancia em lhe aceitar a adesão como sincéra quando tantos motivos temos para o não tomar a sério.

Pois estâmos vingádos. Não ha nada como as lições do tempo.

Cada vez nos convencêmos mais disso.

O escandalo de Munich

Relativo á doença que prostrou no leito duma casa de saude, logo apoz o casamento, a esposa do ex-rei de Portugal, referiu o *Seculo* em telegrama de Paris com data de 17:

«A proposito da esposa de D. Manuel, o *Secolo*, de Genova, publica um artigo no qual diz que é indispensavel que os candidatos ao matrimonio certifiquem a sua capacidade fisica para procrear a especie.

As noticias relativas á saude da princêsa — acrescenta o *Secolo* — são incompreensiveis. Dizem que éla sofre do baixo ventre e que não voltará a juntar-se cem seu marido por causa das suas *excentridades intoleraveis* (sic).

O *Secolo* compara D. Manuel a Leopoldo da Belgica, e diz que é aquêle o resultado de se terem relações com cabotinas».—*S.*

Ora toma. E esfalfaram-se os da velha côrte para nos convencer de que D. Vitória só tinha apanhado um... *resfriamento*...

A verdade vai-se esclarecendo...

Quem o diz?

Continuando a mostrar todo o republicanismo de que foi acometido após o triunfo da Republica em 5 de Outubro, o orgão dos *pardos* da Vera-Cruz, o *Camaleão*, sáe-se agora com esta:

Irradiado

«O Diretório do partido republicano português, de harmonia com a Junta-consultiva, resolveu, por unanimidade, irradiar do partido o sr. dr. Alfredo Magalhães, que, como é sabido, tem movido uma campanha de franca hostilidade ao govêrno e ao mesmo partido.

Era tempo.

Era tempo! Mas aonde é que este *adesivo* indecente foi buscar autoridade para escrever isto?

De "O Rebate,,

Uma pergunta inocente a quem souber responder-nos:

Não irá a prisão do conspirador Jaime Duarte Silva, cacique monarquico de Aveiro, prejudicar a eleição por aquêle circulo do sr. Cerveira de Albuquerque?

Isso são coisas, coléga, a que só os *intimos* lhe pódem responder porque sabem as combinações que fizéram...

Combinações democraticas, é bem de vêr...

Choque na linha férrea

Entre o comboio rapido que, com uma hora de atraso, chegou a Aveiro pelas 15 horas de terça-feira e um vagon de sal que, em manobras na estação, veio linha fóra até quasi á passagem do nivel de S. Bernardo, deu-se um violento choque do qual resultou o completo despedaçamento do vagon assim como algumas avarias na maquina do *rapido* e numa carruagem. Os passageiros êsses sofreram apenas o susto, que não devia ser pequeno, e o novo atrazo da viagem visto só de aí a pedaço ficárem concluidos os trabalhos de desobstrução da linha para o comboio seguir. Não consta tambem que houvésse ferimentos entre o pessoal que fazia serviço na locomotiva.

Da ocorrencia foi levantado o respectivo auto afim de serem pedidas responsabilidades a quem de direito coubérem.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 53$00 o vagon.

Continuando

Meu bom amigo

Numa das minhas cartas, que, devido apenas á bondade da redacção do *Democrata*, tem merecido a distinção da sua publicidade, dizia eu que duas razões ponderam no espirito daquêles que defendem a seita negra em qualquer dos variadissimos aspétos com que éla se apresente: por interesses e conveniencias, e por ignorancia ou falsa compreensão do que seja o verdadeiro fim a que visa toda éssa exploração sob mil aparencias feita em nome de Deus e da suposta salvação ou perda da alma humana.

O que se tem dito, o que se tem escrito, tentando fazer valer como indiscutivel o principio de que o padre apenas e exclusivamente tem de acatar, obedecendo, cego e humilde, ás ordens do bispo! Mas não se procura saber se quanto ordena êsse bispo é justo, é legal, e muito menos se pretende apurar donde vem a êsse bispo a autoridade para êle apresentar como indiscutiveis as suas determinações. Mais do que bispos, cardeaes e patriarcas têm repudiado as proprias ordens emanadas directamente do Vaticano. O que fez o velho franciscano e patriarca de Lisboa D. José Neto? Assediado pelos jesuitas que falavam pela boca do Vaticano para que renunciasse, sofrendo todos os vexames que a *Santa Sé* inexoravelmente sobre êle fazia incidir, o patriarca revoltou-se contra as violencias e ofensas de que ardilosa e cinicamente estava sendo alvo, e replicando com energia para Roma apelava ao mesmo tempo para o rei, como chefe supremo do poder civil, pedindo proteção contra as violencias do Vaticano! O seu acto implicou a famosa excomunhão, que êle, repelindo-a, com o mais justificado direito provocou apenas a sua deposição tratada e justa entre Roma e a situação João Franco, para a sucessão recair nêsse famigerado Antonio Belo—belo no apelido e belo na sua cega dedicação e servilismo á companhia de Jesus, de quem é agente consciencio e devotado.

E que resultou dêsse ridiculo lançamento de excomunhão ao ex-patriarca D. José Neto? Depois disso, que diferença passaram a ter os actos religiosos por êle praticados, as missas por êle rezadas? Não devem ser considerados, pelos *canonicos* e mais *doutores da egreja*, que por aí estâmos vendo todos os dias dissertando sobre *a excomunhão dos padres cultualistas*, nulos todos os actos por aquêle ex-patriarca praticados, como querem, á força, que não tenha valor algum os que, respectivamente, são praticados pelos padres pensionistas?

Nêsse caso nulo está o casamento religioso de D Manuel, que por o ex-patriarca excomungado para todos os efeitos, foi celebrado!

A ignorancia, porém, dos ensinamentos da historia que habilite a confrontar o passado com o presente leva muitas vezes a que fique pezando no espirito do povo a falsidade de argumentos, calculadamente empregada para propagar e manter mentirosos principios que os amigos da seita, os fanaticos e os imbecis pretendem fazer passar como verdadeiros.

Todavía, taes ensinamentos muito convém acordar agora para mostrar, salientando com todo o fulgor a cordura da Republica em face da guerra acintosa e infame dos elementos clericaes, sob todos os aspectos, desde o jesuita ao fanatico, á beata.

A generosidade do atual regimen para os impenitentes agitadores, comparada com a defêsa da Soberania do Estado e liberdade de consciencia usada nos tempos do proprio absolutismo doutras éras, e muito digna de registo, implica os ensinamentos da historia, que é preciso acordar no espirito público, a que acima aludimos.

A todas as investidas de Roma tendentes a usurpar o direito civil representado na Soberania do Estado, êste sempre repeliu com o maior desassombro éssas tentativas e assim ao bréve *apostolicum pascendi* o govêrno de Portugal reprovava e repelia a sua doutrina pela lei de 6 de maio de 1765; o bréve *Animarum saluti* tinha egual sorte pela lei de 28 de agosto de 1767; a bula *Santissimi Domini*, fulminada pela lei de 30 de abril de 1768; os *Indices expurgatorios* e bula da *Cêa*—**que excomungava todas as gerações presentes e futuras da terra!** (*sic*) —tivéram o seu *anátema sit*, não o dêles, mas o do Estado, na letra das leis de 2 de abril de 1768 e 4 de dezembro de 1769; o breve de Clemente XIV, *sobre o jubileu das ermidas do Senhor do Monte*, pelo édito de 22 de abril de 1774 egualmente não reconhecido.

O escrupulo sobre êste ponto de liberdade de consciencia e autonomia do poder civil era, néssas épocas, tão sagrado para os homens do govêrno, que foi restringido os poderes dos nuncios ou delegados dos pápas, marcada a orbita da sua acção, da qual não consentiam que se apartassem. A carta régia de 21 de setembro de 1624 e muito notavelmente o aviso de 14 de junho de 1744 são provas exuberantes do que referimos.

Comtudo, ainda mais notaveis nésta matéria são o alvará de 30 de julho de 1795 e a lei de 12 de junho de 1769, assim como a de 5 de abril de 1768, que restringiu as faculdades dos enviados de Roma, e, além de confirmar quanto sobre a necessidade do *beneplacito* se achava já estabelecido, proíbiu, sob sevéras penas, que os livros e papeis concernentes á religião se vendessem sem licença régia!

Mas... no reinado de D. José I, que teve por ministro, asse vulto que enche gigantescamente as paginas da historia e que se chamou Sebastião José de Carvalho e Melo—marquez de Pombal—deu-se o caso que o nuncio Acciaioli, por ocasião dos festejos do casamento da futura rainha, não iluminou o seu palacio, como devia e era uso.

Dias depois de cometida ésta descortezia e provocação, o referido nuncio recebia a simples e mimosa comunicação que réza assim e que bem merece ser aqui transcrita:

Ex.mo e Rev.mo Senhor

Sua Magestade, usando do seu justo, real e supremo poder que por todos os direitos lhe compéte, para conservar ilésa a sua autoridade, regra e preservar os seus vassalos de escandalos prejudiciaes á tranquilidade pública dos seus reinos, me manda intimar a Vossa eminencia que logo imediatamente á apresentação désta carta, haja Vossa eminencia de saír désta côrte para a outra banda do Tejo; e haja de saír via recta dêstes reinos no preciso termo de quatro dias.

Para o decente transporte de Vossa eminencia se acham prontos os reaes escaléres na praia fronteira á casa da habitação de Vossa eminencia. E para que Vossa eminencia possa entrar nêles e seguir a sua viagem, a caminho, sem o menor receio de insultos, contrários á protecção que sua magestade quer sempre que em todos os casos ache em seus dominios a imunidade do caracter de que Vossa eminencia se ache revestido, manda o mesmo Senhor ao mesmo tempo acompanhar a Vossa eminencia até á fronteira dêste reino por uma decorosa e competente escolta militar. Fico para servir a Vossa eminencia com o maior obsequio.

Deus guarde a Vossa eminenciu por muitos anos.

Paço, a 14 de Junho de 1760.

De Vossa eminencia obsequiosissimo servidor

D. Luiz da Cunha

E ficou só nisto o castigo que mereceu ao govêrno o procedimento descortez do nuncio Acciaioly? Não.

Além da sua expulsão, foram interrompidas as relações com os Estados Pontificios, proíbidas as remessas de dinheiro (afinal o seu verdadeiro Deus!) para Roma, entrando a preparar-se a emancipação da egreja Lusitana, para o que foi encarregado o primeiro teologo daquéla época—o padre Antonio Pereira de Figueiredo—a escrever a *Tentativa Teologica*, livro que bem define os verdadeiros principios da independencia do Estado em face da Egreja.

Posta a questão nêstes termos, nem por isso, bispos e padres, se revoltaram contra o poder civil, antes acataram e perfilharam a sua atitude manifestada e mantida contra o seu chefe supremo, e êste por sua vez, não os excomungou ou interdice por falta de solidariedade e de crença!!!

E até o grande rei, de que o marquez de Pombal era tambem o grande ministro continuou a ser o *rei fidelissimo*...

E' que a doutrina teologica, amolda-se ás circunstancias e ás ocasiões, conforme mais convém e... produzem!

Méditem, pois, sobre o que aqui dizemos os muitos bernardos désta época. Digam-nos depois se as consciencias limpas em que conta devem ser tidos todos aquêles que, calculada e preversamente, defendem a mentira e exaltam o erro—prégando a guerra contra o que é de direito, salvanguardando a liberdade de consciencia e a supremacia do poder civil.

Amigo mui.º obrig.º

S. J. M.

P. S,—O *Correio de Aveiro*, insere uma pseudo resposta, tão pobre quanto ridicula, á brilhante carta do sr. padre Guimarães, atualmente em Esgueira, na qual êste sacerdote reduz ás devidas proporções a famosa lenda da excomunhão, definindo o valor religioso das suas funções e o direito que lhe assiste no exercicio do seu cargo, como ministro de Deus.

A publicação contida no *Correio* é uma miseravel catelinaria, sem merecimento de especie alguma que tem jus apenas a ésta referencia, para déla oferecermos aos nossos leitores, como nota indicativa do valor do seu todo, o seguinte edificante periodo, com que fecha a prelenda:

Em quanto a cavalo marinho e outras basofias, tire o cavalo da **chuva,** *que se* **cresta,** *etc.*

Que verdadeira miseria de argumentos aliada a tão manifesta pobreza de espirito!

Ai do seu autor, se, como recompensa, não lhe estivésse reservado o reino dos Céos!...

E bem o merece, o infeliz!

S. J. M.

UMA ESPECULAÇÃO

Andáram assustados ultimamente os orgãos da extinta realêsa e ainda alguns jornaes dos partidos da oposição porque numa gasêta de Inglaterra, *Daily Telegraph*, apareceram publicádas as onze bases da *entente* franco-espanhola das quaes destacávam a oitava que transcreviam em grosso normando:

VIII—Em caso de accidente que torne necessaria a intervenção europeia em Portugal ter-se-ha em conta a situação geografica da Hespanha.

Apuradas, porém, as contas, cêdo se chegou á conclusão de que tudo era uma santa historia.

Informações recolhidas no ministério dos negocios estrangeiros da Republica Francêsa autorisam o govêrno português a desmentir formalmente o boato de que nas conversações entre a Espanha e a França se tenha jámais considerado, directa ou indirectamente, a hipotese desprimorosa e absurda de uma intervenção da Europa em Portugal. E, assim, as declarações do *Diario Universal*, orgão semi-oficial do govêrno de Espanha, e que já tinham tirado qualquer significação á inventiva do *Daily Telegraph*, aproveitada pelos inimigos da Patria e da Republica para os seus fins inconfessaveis, encontram-se èxpressamente confirmadas, com plena autoridade e responsabilidade, e de um modo honroso para o nosso país e para as duas nações amigas—França e Espanha.

Arrangem outra os *patriotas* que ainda não é por aqui que o gato vai aos filhozes...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Cartas

E'-nos rogada a publicação das seguintes:

Ex.mo Sr. Manuel Barreiros de Macêdo

Aveiro

Na qualidade de tesoureiro da comissão organisada em Aveiro para apurar recursos com que possa satisfazer a importancia das custas na condenação sofrida pelo velho e ardente republicano Arnaldo Ribeiro, no processo que lhe moveu Pereira da Cruz, incluso envio a V. Ex.ª uma cedula do Banco Nacional Ultramarino, do valor de 10 escudos, para ser aplicada ao fim proposto na circular da dita comissão que tem a data de 10 de junho de 1913.

Admiro Arnaldo Ribeiro pelo seu caracter e inquebrantavel fé republicana, não devendo por tal motivo deixar de ocorrer ao apelo dos seus leais amigos.

O juri que o condenou, está averiguado que era composto de alguns seus inimigos pessoais e por isso não me admira a sua decisão, o que me causou tristeza foi o facto do govêrno ter conhecimento do caso e dêle não tratar de molde a ser feita justiça recta.

Note V. Ex.ª que sou evolucionista e portanto maior valor tem as minhas palavras sabendo que Arnaldo Ribeiro milita num campo diverso do meu, mas eu costumo fazer justiça aos homens e não a partidos, que todos pódem ser bons, se os que os servem fôrem cidadãos dignos e honestos.

Muito me obsequeia V. Ex.ª dar publicidade nas colunas do Democrata *a esta carta, para que Arnaldo Ribeiro saiba que, embora longe, não esqueço aquêles que em Portugal combatem pela depuração dos costumes e prestigio das instituições.*

Ao seu lado estou, pois, isto é, ao lado da justiça e da Republica pura e incorrutivel.

Com toda a consideração, sou

De V. Ex.ª

mt.º at.º e vendr.

Mona Quimbundo, 19 de Agosto de 1913.

Acacio Simões

Ilustre cidadão Manuel Barreiros de Macêdo

Aveiro

Tenho em meu poder uma circular assinada por um grupo de verdadeiros republicanos de Aveiro e amigos de Arnaldo Ribeiro com cujo conteúdo concordo plenamente, pois já havia manifestado ao meu amigo Arnaldo Ribeiro, em carta antecedente, os meus desejos de concorrer para as despêsas feitas com o ultimo procésso do Democrata *e assim lhe venho fazer ciente que nésta data envio 50 francos para o fim indicado não enviando mais porque, fóra do interior, é-me de todo impossivel fazel-o.*

Se estivésse no litoral era intenção minha comunicar o conteúdo da circular a alguns amigos de Arnaldo Ribeiro que decérto não deixariam de concorrer tambem com o que pudéssem, mas como acima digo encontro-me no interior e por isso dificil se torna, do que tenho imensa pena.

Estou convencido que não deixariam de enviar mais circulares para aqui, pois Arnaldo Ribeiro conta um avultado numero de amigos devido á sua tenaz e leal campanha sustentada nas colunas do Democrata *e á propaganda que tenho feito do seu caracter, da sinceridade da sua fé e do lealismo com que combate, sendo devido a isso que o seu jornal é o que maior circulação tem no Congo Belga, estando cérto de que se conservasse no litoral como durante quatro anos lá estive o numero de assinantes teria aumentado para proporcionar ao jornal uma vida desafogada como é essencial que tenha.*

As campanhas do Democrata *são justissimas, bem orientadas e por isso ávante pelo levantamento moral do nosso país.*

Viva a Republica Portuguêsa! Viva o historico partido Republicano de Aveiro!

Gungo Maialla, 18—8—1913.

Antonio Madail

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques *Pereira*, em frente ao Mercado do Côjo e *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Sobre sport

—=(*)=—

Pousa em cima da nossa mêsa de trabalho um volume em que se acha reunido o estudo feito pelo distinto *sportman* Mario Duarte ácêrca dos progressos da educação fisica nos E. U. do Brazil, onde propositadamente foi em Julho dêste ano, comissionado pelo ministério do interior, e do qual para aqui vamos transcrever algumas notas sobre o rêmo, encontradas no interessante relatorio que êsse estudo constitue e apartadas propositadamente por ser o rêmo o exercicio que na nossa terra se acha bastante vulgarisado.

Diz Mario Duarte:

«O remo é, sem contestação, o *sport* que mais profundas raizes tem creado em todas as cidades dos Estados-Unidos do Brazil; e a origem das regatas consta remontar ao ano de 1566, prendendo-se com a historia da conquista do Rio de Janeiro, ocupada então pelos francêses.

A verdade é que o *sprot* nautico foi sempre objéto de cuidado por parte das primeiras gerações, compostas de colonos e indigenas que, por força das circunstancias, tinham de se utilizar como meio unico de transporte de embarcações de remo e á véla para os diversos ramos da sua atividade comercial.

Foi o Ceará o percursor do *rowing*; quasi simultaneamente a Bahia e o Pará realisavam tambem os seus primeiros concursos nauticos. Mas hoje é a bela cidade do Ria de Janeiro que maior numero de associações conta no seu ativo e são élas: Clubs de regatas: Botafogo, Gragoatá, Icarahy, Flamengo, Natação, Boqueirão do Passeio, Vasco da Gama, Guanabara, S. Cristovão, Nautico e Internacional.

Para disputa dos campeonatos e outras provas classicas todas estas associações estão subordinadas á Federação Brazileira das Sociedades do Remo, fundada em 31 de julho de 1897, com o primitivo nome de União de Regatas Fluminense. Dos clubs mencionados é o Vasco da Gama talvez o mais rico e dêle são socios numerosos portuguêses. Por êle foi ganho este ano, e creio que no ano findo, a prova nacional mais importante do remo. Para se poder avaliar da vitalidade daquélas associações e do entusiasmo e bôa ordem que entre os seus membros reina, bastará dizer que de um dia para o outro, e em honra dos jogadores portuguêses, foi organisada uma revista naval, para a qual fui especialmente convidado, que teve logar na bahia de Botafogo, tomando néla parte quasi todos os clubs já citados, num conjunto de 68 barcos, assim divididos: *skiffs*, 9; *inriggers* de 2 remos, 23; idem de 4 remos, 25; idem de 8 remos, 11, num total de 293 tripulantes, formando um admiravel e surpreendente espetaculo. E' preciso, porém, dizer que aquêles clubs no seu efétivo contam, pouco mais ou menos, 20 barcos cada um, deixando, pois, nas suas sédes mais de metade.

Apezar do grande desenvolvimento dêste ramo de *sport*, notei que os seus barcos, perfeitamente construidos em estaleiros inglezes e italianos, sendo preferidos agora estes ultimos, não satisfaziam ás exigencias do moderno *rowing*, cujas provas se correm todas em *outriaggers*, ao passo que nos Estados-Unidos do Brazil se adotam quasi exclusivamente os *inriggers*.

Eu tive ocasião, por varias vezes, como no jantar que o Club Boqueirão do Passeio têve a amabilidade de oferecer aos nossos jogadores, de frisar aquêle relativo atrazo.

Afirmaram-me muitos remadores que a bahia, quasi sempre agitada, não permite o uso dos mais modernos barcos; mas, com a devida venia, tal afirmação veiu afigurar-se-me menos verdadeira, como tive ocasião de observar.

Como em Lisboa, onde quasi á força foram êles introduzidos, assim terá de suceder no Rio, que se agarra ainda hoje a um conservantismo que não póde justificar-se uuma cidade que em 10 anos, como nenhuma outra no mundo, sofreu materialmente a mais extraordinaria transformação, da qual compartilharam tambem alguns daquêles clubs a que o dr. Pereira Passos, o reformador de inolvidavel memoria, cedeu terrenos e construiu edificios.»

Porque a falta de espaço nos não permite alargar mais, temos, por ultimo, de consignar ao delegado escolhido pelo govêrno para acompanhar a *equipe* de *foot-ball* aos diferentes estados do Brazil, o nosso reconhecimento pela oferta a ésta redacção do seu valioso trabalho.

Escola Secundaria de Comercio

—=(*)=—

Recebemos ha dias o Anuario dêste moderno estabelecimento de instrução de que é director o nosso velho amigo e colaborador do *Democrata* sr. Humberto Beça.

O interessante volume, em 8.º grande, é um trabalho que honra a Escola a que pertence, pela sua clarêsa, correcção e plano de organisação que é o mais completo e perfeito que temos encontrado em documentos désta naturêsa.

Nem do seu organisador, o director da Escola, trabalho inferior podiamos esperar, pois já lhe conhecemos trabalhos anteriores da mesma naturêsa, que fôram devidamente apreciados e a que tambem tivémos ocasião de nos referir.

O *Anuario da Escola Secundaria de Comercio* é não só na parte de organisação pedagogica, como na de estatistica, estatutos, regulamento, etc., um repositorio de informações seguras para todos os que desejem frequentar aquéla escola e dêle se vê com minudencia o seu movimento no transacto ano lectivo, tanto em disciplinas como em alunos, etc.

Algumas vantagens que oferéce a matricula nésta escola são na verdade tão apreciaveis que não devemos deixar de as apontar aqui para orientação dos que desejem seguir a carreira comercial.

De facto, ao passo que vêmos tanto em colégios como liceus, as turmas de alunos atingirem frequentemente 40 e 50 estudantes, que é materialmente impossivel ensinar bem numa escassa hora de aula, a *Escola Secundaria de Comercio* limita as turmas nas aulas teoricas a 20 alunos e nas praticas a 12!

Esta circunstancia é já importantissima para o ensino mas ainda regulamentam os seus estatutos que as aulas práticas sejam de hora e meia o que em escola alguma sucédé.

A orientação pedagogica do curso é tambem moderna e perfeita, assente em bases verdadeiramente cientificas, que não pódem deixar de garantir o melhor exito aos educandos.

Dispondo de um corpo docente competentissimo a quem no Anuario—e é a primeira vez que tal vêmos—se presta justiça no papel que este corpo desempenha para os créditos de uma escola, de um gabinete de dactilografia já com 5 maquinas de escrever, augurâmos á nova escola as mais seguras prosperidades e felicitâmos o seu director, sr. Humberto Beça, agradecendo-lhe o exemplar do Anuario com que nos brindou.

NOTAS DA CARTEIRA

E' esperado no fim do proximo mez nésta cidade, o nosso amigo, dr. Antanio do Nascimento Leitão, medico em Macau.

— Acha-se com sua familia na Costa Nova do Prado, o sr. Manuel de Mélo, da Palhaça.

— Para a Torreira partiu o sr. Ventura Simões Aidos, industrial em Agueda.

— Tivémos o prazer da visita nésta redacção do nosso amigo e prestante correligionario de Anadia, sr. José Francisco Pereira.

— Regressou da Barra á sua casa désta cidade, o sr. Domingos Valente de Almeida.

— Tambem veio de Leiria o sr. Alexandre Alves Barbosa.

— Fez na terça-feira anos o nosso presado amigo, dr. Eduardo Silva, digno professor do liceu.

— Para Lisboa segue ámanhã o nosso conterraneo e amigo sr. Bento de Carvalho, que conta embarcar para S. Paulo no primeiro paquete.

Feliz viagem.

— Esteve em Aveiro o velho republicano da Vila da Feira sr. dr. Elisio de Castro.

— De passagem para a Costa Nova tambem aqui estivéram os srs. Manuel dos Santos Silvestre, de Nariz e Domingos Ferreira da Silva, da Palhaça.

Ultramar

—=(*)=—

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
26	REIS

Numa festa escolar em Nogueira do Cravo

Não tencionava vir para o jornal ocupar-me da festa da inauguração das escolas de Nogueira do Cravo, não só porque lá estavam verdadeiros jornalistas profissionaes, para quem a minha penna se curva gostosamente em homenagem de admiração, como tambem por não querer levar mais longe o conhecimento dos males de que euferma a nossa instrução oficial, apontando os seus defeitos, que todos conhecem num indiferentismo de subervencia. A causa que me impele a não atender esses motivos, para mim bem respeitaveís principalmente a instrução aonde milito como aluno ambicioso de saber, foi a nitida vontade, manifestação heriditaria do comodismo individual, de não haver o respeito pela critica desinteressada que a verdade sustenta com os seus argumentos irrefutaveis.

Pelos jornaes já os leitores conhecem a descrição déssas festas, que foram grandiosas, mas o que ignoram é que eu, por erguer a minha voz perante o Ex.mo Ministro da Instrução, dizendo verdades, fui maltratado na sinceridade das minhas afirmações sem me poder defender, sem poder recalcitrar para sustentar naquêle momento o que havia afirmado. E é este o unico motivo que me obriga a vir roubar um canto no *Democrata*, convicto de que não me será negado, visto a lucta constante que em prol da verdade e da justiça vem desde sempre sustentando.

* * *

Depois de prestar as minhas homenagens ao cidadão e meu conterraneo Manuel Pereira Godinho com as frases mais sentidas que a minha alma póde ditar, declarei sem subterfugios, mas com o devido respeito, que a maior parte do professorado do concelho de Oliveira de Azemeis não estava habilitada a ensinar e que os nossos dirigentes, fôssem êles quem fôssem, nunca deveriam premiar quem, depois duma sindicancia pedagogica, mostrasse ocupar o logar de professor quando devia ser ainda um aluno. Mais declarei que para manter éssas afirmações factos tinha em meu poder que não deixavam em duvida o espirito mais refractario á opinião alheia.

O Ex.mo Ministro da Instrução, em vez de indagar dêsse meu **atrevimento** pelos seus inspectores escolares (e nêste districto parece-me ter um inspector modêlo), revoltou-se, afirmando com voz e argumento de catedratico, que eram falsas as *acusações* que eu havia feito.

S. Ex.ª não só deturpou a significação das minhas palavras mas quiz destruil-as apenas com o seu *magister dixit*. Não foram *acusações* que fiz, pois não citei nomes, mas como velho republicano, como português patriota e como homem livre e independente, apontei males que assaltam a instrução, poderosa alavanca para o resurgimento da nossa nacionalidade, *parte intrinseca das instituições democraticas*, para que o Ministro da Iustrução lhes aplicasse a terapeutica necessaria.

S. Ex.ª quiz dar-lhes o nome de *acusações* para que Manuel Pereira Godinho, esse grande amigo das creanças e da Patria, se sentisse magoado com a minha atitude. E tanto esta é a verdade que no final da festa S. Ex.ª me disse que eu não devia ter trilhante esse caminho numa festa daquélas.

Bem sei qual era o seu desejo: —não dizer a verdade dentro de uma escola e perante creanças, mas entreter-me em flôres de retorica e a queimar incenso a todos e a tudo.

Não sei nem devo mentir a creanças e respeito com entranhado amôr *os templos da Instrução*. Quem quer educar creanças, quem as quer libertar da escravatura que as espera ámanhã, tornando-as uteis a si, á sociedade e ao seu país, não lhes deve ocultar a verdade, enganando-as. A educação deve sair da *velha e crassa rotina, infelizmente ainda hoje defendida por homens inteligentes* e entrar corajosamente e de cabeça erguida na Escola guiado sómente pela verdade e pela ciencia. O medo do professor deve desaparecer em frente dos seus superiores hierarquicos, quando a sua consciencia profissional estivér tranquila, aliás não é um educador.

E' assim que eu penso e é levado por estas ideias que hoje repito o que então disse: — a fazer-se, com benevolencia, exames aos professores dêste concelho, a maior parte fica reprovada; não se deve dar louvores a um professor de quem uma sindicancia mostrou precisar de ser aluno, mas irradia-lo do ensino.

Se fôra asada a ocasião, o Ex.mo Ministro da Instrução póde ter a plena certeza de que imediatamente lhe demonstrava que as minhas palavras traduziam a triste realidade.

Desde os bancos da Universidade que habituado venho a não aceitar como verdadeiro o que me dizem, só porque é um catedratico que o afirma. O *magister dixit* e a catedra para mim de nada valem, quando a ciencia solta os seus queixumes e a verdade dos factos protesta.

Concluindo: —o Ministro da Instrução Publica deve conservar-se extranho ás politicas eleiçoeiras e não abrigar na sua pasta os incompetentes e os ineptos do magistério.

O medico, **Lopes de Oliveira**

Um documento

Sem comentários, porque os dispensa, tal a eloquencia do seu conteudo, publicâmos as seguintes linhas enviadas ao nosso colléga, director de *A Montanha*:

«*Meu presado amigo Bartolomeu Severino* — As revoltantes e torpes caluninas que o senador João de Freitas levantou ultimamente contra o eminente estadista e grande homem de bem que é o dr. Afonso Costa, indignam toda a gente que possue uma consciencia honrada, e merecem a unanime reprovação de todos os portuguêses dignos dêste nome. Vou contar-lhe um facto, que bem mostra até onde a desvairada demencia e o odio cego e vesgo pódem arrastar uma criatura. Seria ingratidão da minha parte calar-me, não informando os meus concidadãos, quantos presam a dignidade e a honra, de um acto nobilissimo praticado pelo dr. Afonso Costa e—coisa espantosa! — praticado precisamente a pedido do tal senador Freitas, que lhe atira agora com punhados de lama! Meu falecido pai, o dr. Casimiro Ribeiro têve a sua memoria enxovalhada por alguem do Porto que em vida se dizia seu amigo. Néssa conjuntura, o dr. Afonso Costa *a pedido de João de Freitas* tomou a peito a defêsa do nome imaculado de meu pai, cuja honra ficou inteira e absolutamente ilibada. E foi com a mira no lucro que o notavel advogado assim procedeu? Não. O dr. Afonso Costa procedeu com o mais completo desinteresse, porquanto depois de vencida a causa se recusou terminantemente a receber qualquer remuneração pelo seu valiosissimo trabalho. E isto—note-se bem—em satisfação do pedido de João de Freitas. E' bom acrescentar que meu cunhado, o dr. Antonio Luís de Freitas, irmão do tão falado senador, viéra dois anos antes ao Porto consultar vários juizes seus colégas sobre a causa em referencia, afirmando-lhe todos que a razão assistia á familia Ribeiro, mas dissuadindo-o ao mesmo tempo de fazer questão, visto que o tal amigo do meu saudoso pai—amigo de Peniche que não recuava em enxovalhar-lhe a memoria, procurando deshonrar o seu nome sempre respeitado e querido—era então o dono e senhor do Porto. Passou-se isto em 1905, ha oito anos. O dr. Afonso Costa não recuou ante as dificuldades que a causa oferecia. Nem por um momento trepidou, e no Tribunal do Comercio do Porto êle não consentiu que o nome do dr. Casimiro Ribeiro ficasse maculado com a sombra da mais leve mancha. Pois João de Freitas esqueceu-se depressa dêsse grande favor que lhe fez o dr. Afonso Costa. Vê-se que a gratidão não é moeda do conhecimento do sr. senador! Haverá dinheiro que pague a honra de uma familia, quando éssa familia é assaltada pela difamação e pela calunia? Pois este enorme serviço praticou-o o dr. Afonso Costa com o mais absoluto desinteresse! O filho do falecido dr. Casimiro Ribeiro não poderá esquecer jámais esse acto nobilissimo do grande cidadão e insigne advogado que é o dr. Afonso Costa. Enquanto tivér um sopro de vida, defenderá sempre o nome honrado do maior português do nosso tempo, pelo talento, pela bondade, pela rijesa do seu pulso de aço e pela pureza do seu imaculado caracter. Agradece-lhe, meu caro Bartolomeu Severino, a publicação déstas linhas, ditadas pelo reconhecimento e pela gratidão, no seu excelente jornal, o seu amigo certo—**Antonio Julio Ribeiro.**»

Como simples esclarecimento é bom que se saiba que o signatário désta carta é cunhado dum irmão do senador João de Freitas.

Falta de espaço

Não podemos por este motivo tratar no presente numero de vários assuntos, entre os quaes está incluido o que diz respeito ao logar de medico privativo do asilo.

Ficam-nos tambem algumas correspondencias e outros originaes por publicar de que pedimos desculpa aos seus autores.

Judit de Souza e Mélo

Depois de alguns dias de demora nésta cidade, onde foi hospede do sr. dr. Eduardo Silva, professor do liceu retirou ontem para Lisboa, aquéla inteligente e distinta pianista, de nacionalidade brazileira e sobrinha do juiz do Supremo Tribunal de Justiça, sr. dr. Alexandre de Souza e Mélo.

Nos curtos momentos em que tivémos ocasião de apreciarmos o seu raro sentimento e impecavel execução no desempenho de verdadeiras obras primas de musica classica, achâmos que bem merecidas tem sido as homenagens e encomiasticas apreciações que lhe tem feito por varias vezes a *Ilustração Portugusza* em cujo salão tem revelado o seu indiscutivel talento abrilhantando os concertos ali promovidos pela sr.ª D. Adelia Hinz, ornamento do nosso Conservatorio e professora daquéla joven pianista. Costuma dizer-se que—*depressa e bem ha pouco quem;* pois aquéla insigne pianista realisa o milagre com extrema facilidade, a ponto de não sabermos que admirar mais: se o seu irrepreensivel desempenho se a inconcebivel rapidez com que fere as teclas do piano.

A sr.ª D. Judit, que é ainda muito nova, pois conta apenas 18 anos, depois de conseguir em Portugal o maximo desenvolvimento das suas aptidões para o piano sob a inteligente direcção da sua insigne professora, tenciona ainda satisfazer a sua ancia de saber num dos conservatorios de Berlim.

Boa viagem.

Necrologia

Fômos no domingo de manhã dolorosamente surpreendidos com a noticia de ter morrido pela madrugada, sem que ninguem tal esperasse, o nosso amigo Francisco Gonçalves Moreira, rapaz ainda novo e que dias antes havia chegado da Terra Nova a bordo do navio de pesca *Autonomico Açoriano*, de que era capitão.

Francisco Moreira, cuja esposa faleceu tambem ha pouco, deixa quatro filhinhos todos de tenra edade, sendo por isso duplamente sentida a morte permatura do inditoso moço pela infelicidade que representa para essas creancinhas.

A seus paes e irmãos, mas com especialidade a Manuel Maria Moreira o nosso cartão de sentidos pêsames.

Comunicados

Companhia de Seguros PROSPERIDADE

Tendo havido um incendio no meu deposito de fazendas, com seguro na Companhia *Prosperidade*, do Porto, participei a ocorrencia á dita Companhia afim de me ser paga a respectiva indemnisação.

A lisura com que aquéla

Companhia fez a avaliação dos prejuizos, e a prontidão com que me embolsou da importancia dos mesmos, são crédores do maior elogio, cumprindo-me tornar público o meu reconhecimento para com a Ex.ma Direcção da *Prosperidade* pela fórma digna como satisfez á minha reclamação, e para com o seu zeloso Agente em Aveiro, sr. Batista Moreira, pela maneira correcta e atenciosa com que sempre tratou o assunto.

Ouca, Sôsa, 18 de Outubro de 1913.

Manuel Bernardo Grachina

Despedida

Bento de Carvalho tendo de ausentar-se ámanhã désta cidade afim de embarcar para S. Paulo, nos E. U. do Brazil, onde o chamam os negocios da sua casa, e sem tempo para se despedir pessoalmente de todos os seus amigos, vem por este meio cumprir esse dever e a todos oferecer o seu limitado prestimo naquêle Estado.

Aveiro, 24 de Outubro de 1913.

Ultima hora

Proséguemas deligencias policiaes sobre a intentona realista.

Ontem de tarde foi, por ordem da autoridade, passada rigorosa busca á casa do advogado désta cidade, preso no Porto, dr. Jaime Duarte Silva, ignorando nós quais os resultados obtidos.

Tambem naquéla cidade fòram detidos o ex-capitão de artilharia conde de Mangualde, chefe do movimento monarquico do norte e Pedro Valadas que, disfarçados, estavam numa casa da Travéssa do Carregal. Como oferecessem resistencia no acto da captura têve de ser empregada a força resultando ficar ferido o Valadares Pinto, mas sem gravidade.

Circula a noticia de ter sido tambem preso no norte o conhecido heroi dos Dembos, D. João de Almeida, ex-oficial português, e que ao que parece se havia apresentado para tomar parte no movimento dos "paivantes,,.

A policia procura activamente outras figuras de destaque no movimento entre élas alguns padres que se salientaram nos sucéssos de Vizeu.

De Hespanha, apezar dos insistentes boatos de incursão dos realistas, não se confirma que êles tivéssem passado a fronteira.

Foi proibida a circulação do "Intransigente,, orgão do destrambulhado Machado Santos.

Dr. Urbino de Freitas

Vitimado por uma pneumonia faleceu ontem em Palhavã éste medico que ha anos, por ter cometido um monstruoso crime, deu que falar em todo o país e no estrangeiro.

Urbino de Freitas veio o mez passado do Brazil para tratar da sua saude e da revisão do seu procésso, segundo êle dizia.

CORRESPONDENCIAS

Recardães, 16

(Retardada)

Na manhã de 5, para festejar o 3.º aniversário da Republica Portuguêsa, fôram lançados muitos foguetes por diversos correligionários. Tambem a Comissão Paroquial destribuiu esmolas ás pessoas mais necessitadas da freguezia.

=Aniversários: No dia 8 a senhora D. Matilde Pinto Souto-Maior, digna professora em Bolfiar; no dia 13, o nosso amigo sr. José Rodrigues da Graça, digno estudante do 1.º ano de Direito em Coimbra; no dia 15, o nosso amigo, sr. José Alves de Almeida, digno presidente da Junta Paroquial désta freguezia.

=Partiu para a Fogueira, regressando no proximo sàbado, o nosso amigo e correligionário, sr. Joaquim Rodrigues da Graça Junior.

=A cheia fez bastante prejuizo nos campos, derrubando muito milho e estancarios, etc.

=Vai um tempo magnifico para as colheitas de milho; principiaram algumas esfolhadas.

C.

Anuncios